

Nava

Bruxelas, 2/7/92

Meu caro Cruzeiro:

Como responder à sua epístola, de que me enaltece, mas ao mesmo tempo assusta pela enorme responsabilidade que daí me advém, ser o feliz destinatário? Não me refiro já à impossibilidade de lhe retribuir com algo comparável ao objecto estético que, graças aos desenhos que nela incluiu, a sua carta constitui, ou de encontrar, no mero âmbito dos materiais linguísticos de que disponho, qualquer forma, equivalente ou aproximada, para exprimir o que esses mesmos desenhos, bem como o gesto de os integrar na carta, significam; tão pouco me refiro às proporções desta última, senão pela variedade e abundância de assuntos que elas lhe permitem abarcar; penso sobretudo no modo como, seja qual for o tema, as suas palavras parecem tocar o essencial, não lhe sei dizer de quê, mas o essencial tout court, talvez porque essencialmente as coisas são todas as mesmas e é o acidental, o contingente, o que exteriormente as diferencia, deixando de ser possível distinguir a sua individualidade, para apenas lhes sentirmos a imanência, assim que através delas nos adentramos (na linha, creio, do que o Cruzeiro refere quando diz que ao verbo "evoluir" sempre contrapõe "aprofundar"). Por isso não faz sentido invocar o tamanho da carta, como o Cruzeiro o faz para se escusar, dado que a forma como cada uma das suas frases permanentemente nos transpõe daquilo sobre que aparentemente fala para o âmago de que todas elas participam não se concilia com a ideia de extensão, conceito compatível com uma superficialidade onde linearmente as coisas umas às outras se sucedem, mas não com um aprofundamento (ou uma elevação?) em que, como é o caso, somos remetidos para um outro grau da realidade, um outro estado, onde a verticalidade da consciência se sobrepõe à horizontalidade do percurso.

Por este arrazoado de filosofia de pacotilha já o Cruzeiro vê como as minhas qualidades estão aquém das do interlocutor que uma carta como a sua exigiria e mais ainda das necessárias para condignamente corresponder às suas expectativas quando, com uma injustiça que só a nossa amizade poderá perdoar, compara a minha eventual colaboração num projecto sobre si à dum Herberto Helder ou dum Cesariny. Sabe que, para o que quer que seja, contribuirei com gosto e entusiasmo, mas mi-

na-me a consciência das minhas limitações, tanto mais que, se se exceptuar uma brincadeira de meia dúzia de páginas sobre o Bacon que amadoristicamente escrevinhei sob o impacto duma retrospectiva deste pintor que vi na Tate há já mais de seis anos, não tenho qualquer prática de escrever sobre artes visuais nem disponho dos instrumentos técnico-conceptuais que para o efeito reputo indispensáveis. Bem sei que o Cruzeiro, na linha aliás do que eu próprio aqui acabo de dizer, me poderá retorquir que tais instrumentos são imprescindíveis nas mãos dos profissionais da crítica, que através deles tentam dar coerência a um discurso que, tomando a arte por objecto, em torno dela elabora uma série de conceitos a que o particular de cada obra sempre se furtará, mas não nas dum poeta, que, munido apenas dum quantas palavras alheias a qualquer sistema, consegue ir direito ao cerne da obra, que através delas se transmigra (desculpe-me este vocabulário um tanto metafísico e em nada consentâneo com o que eu pretendo dizer, o qual mais não faz do que testemunhar as minhas alegadas carências neste domínio). Tal está, no entanto, muito acima das minhas parcas capacidades.

Aquilo que eu sempre desejei ou me achei capaz de fazer consigo não tem propriamente a ver com a sua obra, ou tem-no apenas de uma maneira oblíqua, na medida em que ela constituiu, ou constitui, uma das várias e fundamentais formas por que em si se manifesta o ímpeto criativo. Mas o que mais me fascina é a possibilidade de registar a transbordante vitalidade que nas nossas conversas se tem manifestado, quer através da narração dos episódios da mais variada natureza de que o Cruzeiro foi expectador ou protagonista, quer das opiniões que à margem das mesmas jamais deixa de tecer, envolvendo-as numa visão extremamente pessoal e sedutora. Creio que existe mesmo uma "linguagem-Cruzeiro" (uma "visão" é aliás indissociável duma "linguagem"), não só - embora também - porque há um certo número de expressões que lhe são peculiares e que por isso individualizam o seu discurso, mas sobretudo porque há em si uma forma muito própria de fazer falar o mundo, ou seja, de lhe dar forma. Isto, evidentemente, sem qualquer desmerecimento para a sua obra, que como sabe muito aprecio, mas justamente para dar a ver aquilo que da sua obra não é visível através da sua pintura nem da sua poesia e que tem precisamente a ver com essa "obra prima" que, nas tão belas palavras da sua carta, constitui "a rua que corre monótona, e sempre diferente, como um rio".

O livro que eu idealizo não deixaria de iluminar o que da sua obra ganhou corpo em desenhos, quadros e poemas, mas tentaria mostrar ao mesmo tempo como estes mais não são do que algumas das múltiplas e interligadas manifestações da criatividade dum espírito que fez da própria vida e da experiência quotidiana a verdadeira obra de arte. O Cruzeiro ilustra melhor do que qualquer outra das pessoas que conheço um preceito do Teixeira Gomes, que, em palavras não muito diferentes das que acabo de citar da sua carta, afirma que "a mais alta expressão da arte consiste em casar o estilo à vida; desta união, que jamais se desequilibre, nascem as obras primas". Talvez esta seja uma das razões por que tanto estimo este escritor, a quem de certa forma comparo o Cruzeiro: o bom gosto artístico, o refinamento intelectual, a elegância no trato e nas atitudes, a independência de espírito, o humor, a não submissão a quaisquer opiniões dominantes nomeadamente na assumpção de sexualidades comumente tidas por perversas ou mesmo escandalosas, a determinação na defesa do reconhecimento do talento alheio muitas vezes em detrimento do próprio, e sobretudo o salutar desprendimento em relação a uma obra de que, apesar da sua elevada qualidade e do apreço grangeado junto do público, nenhum de ambos pretendeu fazer um meio de promoção social, preferindo-lhe uma plena fruição da vida livre de quaisquer preconceitos ou entraves (mesmo quando isso se paga com o exílio, seja ele exterior ou interior), eis alguns dos traços que se me afiguram aproximá-lo daquele nosso antigo Presidente da República, que ao poleiro de Belém preferiu o anonimato do quanto nº 13 do Hotel de l'Etoile de Bougie.

A minha ideia era gravar várias cassettes de conversas consigo e procurar, a partir daí, elaborar um texto onde se cruzassem todos aqueles elementos autobiográficos, comentários, apartes, testemunhos que ao ouvi-lo me deixam num estado equivalente àquele que o contacto com qualquer forma de arte habitualmente nos proporciona e através do qual fosse possível transmitir a um maior número de pessoas essa sensação de que me angustia ser o único usufrutuário. Gostaria de que conversássemos livremente, abstraindo do aperrelo que nos poderia acompanhar para toda a parte, em casa, na praia, nos restaurantes, tentando reunir assim o mais vasto material possível, a partir do qual depois se procederia a uma selecção e a uma montagem. Se a ideia lhe agrada, e estiver na disposição de para o efeito vir passar alguns dias a Milfontes, agradecer-lhe-ia que logo que possível

me dissesse em que data tal lhe conviria. Eu em princípio estarei lá a partir de 22 ou 23 de Agosto, após uns quatro ou cinco dias em Lisboa (tenciono partir daqui a 15).

Quanto ao filme de que me falou no telefonema que lhe fiz do Luxemburgo, aproveitei o facto de me encontrar nessa cidade para perguntar ao Luís Galvão Teles, que lá reside e com o qual por isso me encontrei creio que nesse mesmo dia (será ele, em princípio, o realizador do documentário sobre o Teixeira Gomes em que eu colaborarei), o que pensava desse tal Carvalheiro, de quem eu apenas vagamente conhecia o nome. Ele franziu bastante o nariz, dizendo que há cineastas desonestos, cineastas sem talento ~~de~~ burros, mas que esse era simplesmente um protótipo do paradigma mental do imbecil. Opinião que eu me limito a reproduzir, como mera advertência. Pode ser que o Luís Galvão Teles se engane e que o filme sobre si venha a desmentir tal afirmação. Em todo o caso, e até prova em contrário, convirá agir com extrema cautela, não venha o resultado a ser mais prejudicial do que benéfico para a sua imagem. Digo-lho sem qualquer parti pris contra o rapaz (?), que nem sequer conheço e com o qual, se o Cruzeiro assim o entender, continuo disposto a tentar colaborar. Apenas o quis pôr de sobreaviso.

E é tudo. Ficando a aguardar as suas notícias, deixo-o com um abraço muito amigo do

Luís Miguel